



**INSTITUTO FEDERAL**

Sertão Pernambucano

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO  
PERNAMBUCANO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIA DO  
ENSINO DE LÍNGUAS  
CURSO DE LETRAS**

CARLOS EDUARDO DE PAULA SANTOS

**IMAGINÁRIOS CIDADINOS EM *O FUTURO TEM O CORAÇÃO ANTIGO* DE  
CELSO BORGES**

SALGUEIRO

2024

CARLOS EDUARDO DE PAULA SANTOS

**IMAGINÁRIOS CIDADINOS EM *O FUTURO TEM O CORAÇÃO ANTIGO* DE  
CELSO BORGES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Línguas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *campus* Salgueiro, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Metodologia do Ensino de Línguas.

Orientador(a): Prof. Me. Ricardo Tavares Martins

Coorientadora: Profa. Dra. Maraísa Lopes

SALGUEIRO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

D278 De Paula Santos, Carlos Eduardo.

IMAGINÁRIOS CIDADINOS EM O FUTURO TEM O CORAÇÃO ANTIGO DE  
CELSO BORGES / Carlos Eduardo De Paula Santos. - Salgueiro, 2024.  
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Metodologias do Ensino de  
Línguas) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão  
Pernambucano, Campus Salgueiro, 2024.

Orientação: Prof. Msc. Ricardo Tavares Martins.

Coorientação: Dr. Maráisa Lopes.

1. Educação. 2. Imaginário cidadão. 3. poesia. 4. Análise de discurso. I. Título.

CDD 370

CARLOS EDUARDO DE PAULA SANTOS

**IMAGINÁRIOS CIDADINOS EM O FUTURO TEM O CORAÇÃO ANTIGO DE  
CELSO BORGES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Línguas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *campus* Salgueiro, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Metodologia do Ensino de Línguas.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Ricardo Tavares Martins (Orientador)  
IF Sertão PE – Campus Salgueiro

---

Prof. Dra. Maraísa Lopes (Coorientadora)  
Universidade Federal do Piauí

---

Prof. Dr. José Ribamar Lopes Batista Júnior  
Instituto Federal do Piauí - IFPI

---

Profa. Dra. Kelvya Freitas Abreu  
IF Sertão PE – Campus Salgueiro

SALGUEIRO

2024

A Deus. A Celso Borges, que faleceu durante a escrita deste trabalho. Aos poetas maranhenses.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Ricardo Tavares Martins, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

A Deus, por me fortalecer todos os dias.

Em cada beco mouro  
Em cada esquina um quintal  
Um azul, uma estrela, um sinal  
Sobrevoa a cidade

Pedras pontes monte de praias manhãs  
Batucadas estalam no ar  
Em terreiros distantes

E ainda se ouve de manhã o boi do maracanã

(Borges, 2017, p. 79)





## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso objetivou investigar como são constituídos os imaginários de cidade no poema verbo-visual *O futuro tem o coração antigo*, publicado pelo poeta maranhense Celso Borges, (ex)membro do grupo poético ludovicense intitulado Akademia dos Párias. Para tanto, tivemos como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Materialista, defendida por Pêcheux (1994, 1997a, 1997b, 2006, 2007) e Orlandi (2001, 2004, 2009), que compreendem o estudo do imaginário como grande contribuição da Análise de Discurso. Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza quanto aos objetivos como descritiva, quanto aos procedimentos técnicos como documental e quanto à abordagem como qualitativa. Para análise dos dados, levou-se em consideração a noção de imaginário alinhada à formação discursiva, à condição de produção do discurso, à memória e ao interdiscurso. As análises indicam estratégias de interseção entre diferentes materialidades linguísticas no texto literário. Salienta-se que a posição-sujeito poeta (re)produz discursos a partir de um ponto de vista que não se exime de retomar ideologias, memórias e materialidades, o que torna possível análises dos sentidos de urbanidade.

**Palavras-chave:** Imaginário citadino. Poesia. Análise de Discurso.

## ABSTRACT

The present undergraduate thesis aimed to investigate how city imaginaries are constituted in the verb-visual poem "O futuro tem o coração antigo" ("The Future Has an Ancient Heart"), published by the poet Celso Borges from Maranhão, (former) member of the poetic group called Akademia dos Párias. To do so, we had theoretical-methodological support from Materialist Discourse Analysis, advocated by Pêcheux (1994, 1997a, 1997b, 2006, 2007) and Orlandi (2001, 2004, 2009), who understand the study of the imaginary as a major contribution of Discourse Analysis. Methodologically, this research is characterized, in terms of objectives, as descriptive; in terms of technical procedures, as documentary; and in terms of approach, as qualitative. For data analysis, the notion of imaginary aligned with discursive formation, conditions of discourse production, memory, and interdiscourse was taken into consideration. The analyses indicate strategies of intersection among different linguistic materialities in the literary text. It is noteworthy that the poet's subject position (re)produces discourses from a standpoint that does not exempt itself from reproducing ideologies, memories, and materialities, which enables analyses of the meanings of urbanity.

**Keywords:** city imagery. Poetry. Discourse Analysis.

.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O centro da cidade .....	29
Figura 2 - Maria Celeste .....	31
Figura 3 - Religiosidade .....	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD	Análise de Discurso
CP	Condições de Produção
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
SD	Sequência Discursiva

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Considerações Iniciais</b> .....	14
<b>2</b>	<b>Análise de Discurso: literatura e cidade</b> .....	16
<b>3</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	22
<b>4</b>	<b>Akademia dos párias: o entrelaçamento da poesia, da ideologia e da história</b> .....	24
<b>5</b>	<b>Análises: um arquivo em movimento</b> .....	27
<b>6</b>	<b>Considerações Finais</b> .....	36
	<b>Referências</b> .....	39

## 1 Considerações Iniciais

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como são constituídos os imaginários de cidade no poema *O futuro tem o coração antigo*, publicado pelo poeta maranhense Celso Borges, (ex)membro do grupo poético ludovicense intitulado Akademia dos Párias, coletivo este que nasceu no período pós-ditadura e que reuniu uma série de artistas independentes movidos pelo sentimento de liberdade.

É importante salientar que o livro<sup>1</sup> em destaque é construído pela junção de dois poemas verbais com um conjunto de fotografias (poemas visuais) sobre a cidade. As múltiplas modalidades de linguagem se unem na composição do sentido de cidade e integram um livro-poema-verbo-visual, revestido de imagens e imaginários poéticos citadinos.

Nessa perspectiva, tem-se como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Materialista, defendida por Pêcheux (1994, 1997a, 1997b, 2006, 2007) e Orlandi (2001, 2004, 2009). Esta autora, particularmente, observa a relevância dos estudos sobre o discurso urbano que compreende a cidade como corpo significante em suas diferentes manifestações linguísticas.

Como caminho para alcançar o objetivo geral, na relação entre teoria analítica e arquivo de análise, foram traçados três objetivos específicos, são eles: 1. identificar as formações discursivas e as condições de produção dos discursos poéticos citadinos no poema; 2. analisar as memórias materializadas e o funcionamento interdiscursivo no poema; e 3. interpretar de que modo o poema articula diferentes materialidades discursivas na (re)produção de sentidos de cidade.

O *corpus* deste estudo, dessa maneira, é composto por sequências discursivas (SD) do livro. Não foram selecionados todos os *frames* do texto, apenas aqueles que estiveram dentro dos seguintes critérios de seleção: ter discurso citadino, conter imaginários da cidade de São Luís do Maranhão, bem como entrelaçar a linguagem verbal e visual na composição do imaginário de cidade.

Diante de tal estrutura de pesquisa insurge o seguinte questionamento: como são constituídos os imaginários de cidade no poema *O futuro tem o coração antigo*? E, de modo secundário: como formações discursivas e condições de produção dos discursos poéticos nos ajudam a compreender os imaginários citadinos? Quais

---

<sup>1</sup> Tomamos o nome do livro "*O futuro tem o coração antigo*", como o nome que dá título aos dois poemas que constituem a obra, tendo em vista que os poemas não recebem títulos individualmente.

memórias são materializadas no poema por meio do funcionamento interdiscursivo? De que modo o poema articula diferentes materialidades discursivas na (re)produção de sentidos de cidade?

Nossa hipótese básica é de que a poesia direciona para um novo prisma de percepção que escapa ao real, mas que é constituído e se constitui por imaginários citadinos. Nesse sentido, entram no jogo da interpretação formações discursivas, condições de produção do discurso, memórias, interdiscursos e a articulação entre diferentes materialidades discursivas que acionam paráfrases, polissemias e pré-construídos.

As análises indicam estratégias de interseção entre diferentes materialidades linguísticas no texto literário quando o verbal e o visual se unem na composição de novos efeitos de sentido possíveis sobre a cidade. As diferentes linguagens, assim, são ferramentas do fazer poético e se congregam na representação imaginária e literária de São Luís. Salienta-se que a posição-sujeito poeta (re)produz discursos a partir de um ponto de vista que não se exime de filiações ideológicas, memórias e materialidades, o que torna possível as análises dos sentidos de urbanidade, também nos textos poéticos.

Organizamos este trabalho da seguinte forma: em um primeiro momento trouxemos as bases teóricas que sustentam nossa investigação sobre o imaginário citadino na seção dois, intitulada “Análise de Discurso: literatura e cidade”. Posteriormente, focalizamos na terceira seção os “procedimentos metodológicos” do estudo, o que implicou em conhecer a noção de recorte e de arquivo, bem como compreender como a pesquisa se caracteriza e quais categorias de análise são relevantes.

Em seguida, na seção 4, intitulada “Akademia dos párias: o entrelaçamento da poesia, da ideologia e da história” fizemos um recorte das condições de produção do discurso poético articulando diferentes nuances históricas e ideológicas na composição do imaginário de cidade. Em seguida, na quinta seção, desenvolvemos a análise do arquivo no sentido de articular diferentes noções de análise que são úteis para a investigação de imaginários de urbanidade.

Por fim, as considerações finais retomam os objetivos específicos e as hipóteses, neste momento os resultados são condensados e as referências servem como instrumento de consulta para os leitores. Dito isso, podemos passar à leitura do texto.

## 2 Análise de Discurso: literatura e cidade

O campo de estudos do discurso é amplo, pois existem diversas filiações teóricas, metodológicas e filosóficas possíveis de serem utilizadas. Como recorte necessário, delimitamos este estudo na perspectiva da Análise de Discurso materialista, que nasceu na França dos anos 60, com a figura de Michel Pêcheux e vem se desenvolvendo no Brasil, sobretudo a partir dos estudos de Eni Puccinelli Orlandi. Tal delimitação se justifica: 1. pela necessidade de um recorte teórico e 2. pela eficiência da AD na compreensão do *corpus*, com a mobilização das noções teóricas em jogo, sobretudo apresentando, na figura de Orlandi, arcabouço teórico-metodológico para o estudo da cidade como discurso.

Demarcado este perímetro, é importante sublinhar que a AD materialista é circunscrita, conforme Lagazzi-Rodrigues (2011, p. 402), “no entremeio da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise [...]”. A relação tríade não significa que há um conglomerado de teorias sem qualquer relação, ao contrário, há uma relação muito clara entre cada uma e que deve ser considerada no instante das análises.

Para Pêcheux (1997b), neste sentido, o discursivo não se relaciona a uma fala individual, sem relação com o outro. É na materialidade linguística (texto), relacionada à história, à memória, ao inconsciente e à ideologia que se constitui a significação (discurso). Nessa perspectiva, a leitura de textos visuais pode ser compreendida de modo mais complexo tendo em vista que envolve o não dito, o silêncio<sup>2</sup>, o atravessamento da história, da memória, dos discursos.

Aludida a relação entre materialidade e discursividade, é premente mencionar a abundância de noções teóricas que foram desenvolvidas ao longo de anos de pesquisa em AD. Essas noções devem ser delimitadas dialogicamente, em um movimento constante de ir e vir entre teoria-método e arquivo de análise. Somente o arquivo de análise pode delimitar quais noções são relevantes para a análise.

Assim, entendendo que a AD dispõe de um percurso histórico copioso, para esta monografia, traremos algumas noções que são relevantes para o material que será analisado. É fundamental destacar que as noções elencadas aqui são algumas

---

<sup>2</sup> “pensar o silêncio [nesse sentido] é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos, ou melhor, é pensar a história solitária do sujeito em face dos sentidos [...]. Todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (Orlandi, 2007, p. 48).



possibilidades investigativas selecionadas pelo analista em observação ao recorte do arquivo.

Uma noção relevante para o nosso trabalho é a de formação discursiva, Pêcheux (1997b, p. 160), afirma que a “formação discursiva [é] aquilo que em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e o que deve ser dito”. Assim, existem limites mais ou menos silenciados que condicionam não apenas um modo de dizer, mas o não dito, o que é proibido ou não indicado que se diga por uma condição ideológica inconsciente, que pelo assujeitamento do sujeito à língua leva à ilusão da consciência.

No esteio dessa discussão, Orlandi (2009, p.43) afirma que a leitura não é transparente, “as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem”, desse modo, todo discurso é sócio-histórico. Para analisarmos o poema borgiano no entremeio do visual e do verbal é indispensável a compreensão do contexto em que o texto é materializado em discurso.

Lopes (2012, p. 52) afirma que o discurso “tomado como efeito de sentidos entre locutores é analisado quanto ao seu funcionamento, na relação do que é linguístico com a exterioridade que o determina”, o que torna evidente a relação da materialidade do texto com o curso histórico, social e político em que ele está inserido. Portanto, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Nessa relação, Pêcheux (1997b, p. 161) diz que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Assim, a interpelação do indivíduo em sujeito é um tópico relevante porque “todo ‘ponto de vista’ é o ponto de vista de um sujeito” (Pêcheux, 1997b, p. 179).

Conseqüentemente, os poetas Párias são sujeitos que representam a cidade a partir de uma perspectiva (literária) que não escapa ao atravessamento do real que há na língua, na história e no inconsciente. Por trás de toda corrente literária existem princípios estéticos e ideologias constituintes; por trás de toda produção literária existem sujeitos.

No que concerne às especificidades do texto literário e de modo mais específico ao gênero poema, é interessante pensar que esse é um gênero que não

se limita ao que é factual. Uma característica semântica dos textos literários é a plurissignificação, ou seja, a possibilidade de múltiplos efeitos de sentido em que o “valor de verdade” muito utilizado pelos filósofos e semanticistas para indicar se a veracidade ou falsidade de uma sentença é relativizado.

A segunda noção que trazemos para nossa análise é a noção de Pré-construído. Trata-se de uma noção importante para o nosso trabalho e que entra nesse jogo porque refere-se a elementos ou estruturas sociais, ideológicas e culturais que já existem antes da análise em si. Esses elementos pré-construídos são considerados como moldando e influenciando a forma como o discurso é produzido, compreendido e interpretado dentro de uma determinada sociedade ou contexto.

Na análise de discurso materialista, é importante examinar esses pré-construídos para entender como eles afetam a produção e a recepção do discurso, e como eles podem refletir relações de poder, dominação e desigualdade. Isso pode incluir instituições sociais, estruturas políticas, valores culturais dominantes, ideologias, assim por diante.

Conforme Ferrarezi (2019, p. 92), quando “duas (ou mais) sentenças (ou textos maiores) realizarem uma relação semelhante – às vezes, tão semelhante que pode ser encarada como uma só representação pelos falantes – é que chamamos de paráfrase”. Achard (2015) afirma que há, sob a repetição de um enunciado, o estabelecimento de um efeito de regularização estabelecido pelas retomadas e efeitos de paráfrase. Tais relações parafrásticas são elementos linguísticos para a compreensão dos pré-construídos e das ideologias que atravessam discursos e imaginários sociais citadinos.

Além da paráfrase, existe, ainda, a polissemia que, de acordo com Ferrarezi (2019), possibilita que o mesmo sinal, ou a mesma palavra, tenham sentidos diversos. Na AD, podemos pensar que, a depender do campo ideológico em que elas estejam situadas, palavras, imagens e demais instrumento de significação produzirão efeitos de sentidos diversos, plurissignificantes, metafóricos, ambíguos *etc.*

Pêcheux (2006, p. 43), para mais, afirma que “interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-logicamente-estável não seja considerado a *priori* como defeito, um simples furo no real”. Se considerarmos que a poesia é um texto que não se obriga a ser logicamente estável,

nem se obriga a produzir um único efeito de sentido, pode a poesia produzir “furos no real” e, ainda assim, significar. Pêcheux (2006, p. 51), ao comentar sobre os espaços de significação dos textos logicamente estáveis e instáveis, afirma que

[o] objeto da linguística [...] aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significados estabilizados, normalizados por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações de sentidos, escapando a qualquer norma estabelecida *a priori*, de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (Pêcheux, 2006, p. 51).

Dessa maneira, interessa-nos investigar como esses sujeitos materializam a cidade em suas poesias e como esses olhares se cruzam e se desviam, como preceitua Orlandi (2006), não na procura do sentido “verdadeiro”, mas no que há de real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. Ao afirmar que existe um sentido sobre outro, o autor nos leva a pensar no “efeito metafórico [que] produz as significações deslocando-as” (Herbert, 1995, p. 83), e nos direciona novamente para formação discursiva/ideológica, bem como para as condições de produção do discurso, que são compósitos históricos.

As formações ideológico-discursivas estão estritamente ligadas às condições de produção do discurso que podemos considerar “em sentido estrito e temos as circunstâncias de enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.” (Orlandi, 2009, p. 30). É neste momento que vamos do texto ao discurso; não há aqui uma relação de imanência, mas sim uma relação epilinguística<sup>3</sup> que vai do texto ao discurso.

É importante salientar que para Pêcheux (1997a), um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas, dessa maneira, cabe ao analista de discurso relacionar o texto com o seu contexto de produção, distribuição e consumo. Tais relações podem produzir novos efeitos de sentido, o que indica que “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido de condições de produção” (Pêcheux, 1997a, p. 79)

---

<sup>3</sup> Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações (Franchi, 2006, p. 97).

Dito isso, vale a pena ressaltar que uma noção importante reclamada pelo arquivo de análise é a memória. Orlandi (2009, p.30) esclarece que as condições de produção do discurso “empreendem fundamentalmente os sujeitos e situações. Também, a memória faz parte da produção do discurso” e que é definida pelo autor “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2009, p. 31).

Na memória age o interdiscurso, que é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. “Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator” (Orlandi, 2007, p. 87). Ao relacionarmos a memória na análise de imagens poderemos ver como textos não verbais podem ser lidos através do não dito, da ausência de palavras, do silêncio. Uma imagem é compreendida por intermédio dos discursos que a compõem, assim, tais discursos (re)produzem imaginários.

As noções referidas nos indicam a possibilidade de análise dos imaginários de diferentes populações e de como essas populações produzem sentidos de urbano. Por isso, o imaginário é o fator histórico e ideológico, que implica as formas de significar, assim:

embora a condição do significar seja o imaginário – do sujeito e do sentido – para a análise de discurso há real [...]. É nessa relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade da materialidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação (Orlandi, 2007, p. 15-16).

A autora afirma, ainda, que está localizada neste lugar a grande contribuição da análise de discurso, de observar os modos de construção do imaginário necessário na produção dos sentidos: “Por não negar a eficácia material do imaginário, ela torna visíveis os processos da construção desse um que, ainda que imaginário, é necessário e nos indica os modos de existência e de relação com o múltiplo” (Orlandi, 2007, p. 18). Isso indica que os poetas estão em uma posição-sujeito e que produzem discursos e sentidos coletivos a partir desta posição-sujeito poeta-ludovicense-contemporâneo-pária.

A cidade, para a AD, é um corpo significante, é discurso. Através de procedimentos analíticos, procura-se ir além dos discursos sobre a cidade que fazem parte do discurso urbano e chegar ao discurso da cidade para o qual analisa-se o real que significa e sob o qual faz-se significar (Orlandi, 2001). A cidade, nesse

sentido, é nossa porta de entrada para diferentes discussões, uma cidade habitada por dizeres, sujeitos e linguagens.

Compreende-se a cidade e, portanto, o discurso do urbano em diferentes bases materiais, que suportam a produção de sentidos (Lagazzi, 2011). A cidade tem, assim, seu corpo significativo, “tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os gráficos, pichações, inscrições, outdoors, painéis [...], são formas de discurso urbano” (Orlandi, 2001, p. 11). Nesse sentido, podemos inferir que a poesia pode ser mais um espaço de compreensão do discurso urbano.

Dessa maneira, Lopes *et al* (2021, p. 73) argumenta que “apesar de o texto literário estar intimamente ligado à ficção, toda sua composição é constituída em relação às problemáticas sociais, históricas e culturais de uma determinada comunidade”. A literatura, portanto, pode comportar sentidos de cidade.

O arquivo que compõe este estudo comporta uma diversidade de materialidades linguísticas. Na linguagem não verbal dois pontos precisam ser destacados. O primeiro é que elas são um importante operador de memória e o segundo é que a imagem é sempre modelada por estruturas profundas ligadas à linguagem e à história, a imagem flagra acontecimentos (Pêcheux, 2006). As imagens são recursos de memória e são atravessadas por discursos, podem, todavia, ser instrumentos importantes na análise do *corpus* conforme o próprio *corpus* demande.

Nesta seção, discutimos importantes noções que se mostram fundamentais para a compreensão do aporte teórico-metodológico que sustenta este trabalho. As noções de formação discursiva, formação ideológica, memória, interdiscurso, cidade e o entendimento da relevância da articulação destas noções para a investigação dos imaginários sociais foram destacados no sentido de fincar nossas bases teóricas. Na próxima seção, iremos discutir os procedimentos metodológicos, como a composição do arquivo de análise na AD, bem como os procedimentos de análise, com um pouco do arquivo em movimento.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pêcheux (1994) discute a pluralidade dos gestos de leitura e compreende que ler e selecionar o arquivo já é um gesto de análise e que o método se constrói, efetivamente, no batimento entre texto teórico e analítico, no ir e vir entre teoria e prática.

A AD é um campo que não dispõe de uma metodologia pronta/acabada. Ao lançar mão de certas noções teóricas já há um delineamento dos procedimentos de análise, que se realizam na relação estreita com o arquivo. Definir problemas e objetivos direcionam para noções teóricas que podem ser úteis, movimento já considerado como teórico-metodológico. Por isso, para a AD, a teoria e o método se engendram.

Dito isso, Orlandi (2009, p. 62) afirma que, neste processo, um dos primeiros pontos a considerar “é a constituição do *corpus*” e que esta constituição não segue critérios positivistas. Na AD, o *corpus* é também chamado de arquivo. Pêcheux (1994) define arquivo como um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma determinada questão. Já Orlandi (2009) argumenta que a construção do arquivo e da análise estão intimamente ligadas. Assim, decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas.

Portanto, o arquivo nunca é dado *a priori* (Guilhaumou; Maldidier, 1994), antes, é construído a partir de gestos de leitura do analista. Além disso, para a constituição de arquivo é preciso recortar. Orlandi ([1984] 1987, p. 14), define recorte como “uma unidade discursiva”, ou seja, fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, o recorte é um fragmento da situação discursiva.

Desse modo, foram selecionadas sequências discursivas da obra *O futuro tem um coração antigo*, com base nos critérios: ter discurso cidadão, conter imaginários da cidade de São Luís do Maranhão, bem como entrelaçar a linguagem verbal e visual na composição do imaginário de cidade. Além desses critérios, levando em consideração o fator exequibilidade, foram selecionadas treze (13) sequências discursivas que colaboram para o cumprimento do objetivo geral da pesquisa. Esse número foi definido pela necessidade de compreensão dos imaginários, outro analista poderia selecionar outras sequências e em diferentes quantidades.

A constituição desse arquivo faz com que este estudo seja caracterizado,

quanto aos meios ou procedimentos técnicos, como documental, pois coleta sistematicamente registros escritos – as chamadas fontes de papel –, que formam um corpo relativamente homogêneo a ser investigado, assim, “a utilização da pesquisa documental é destacada no momento em que podemos organizar informações que se encontram” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 55). Para mais, ao utilizarmos fontes documentais que nunca foram analisadas cientificamente, posicionamos estas fontes como primárias.

Por fim, as análises discursivas foram realizadas a partir das noções da AD (Pêcheux, 1997a; Orlandi, 2009), que, em observação ao *corpus*, foram tomadas como relevantes no alcance dos objetivos da pesquisa. Nessa perspectiva, foram utilizados dispositivos de análise como: condições de produção, formações discursivas e ideológicas, e memórias e imaginários.

Nesta etapa é preciso de-superficializar o *corpus* e perguntar: como se diz? Quem diz? Para quem diz? Por que o pode dizer? Em que circunstância diz? Para isso, precisa-se converter a superfície linguística em um discurso concreto (Orlandi, 2009), percebendo a relação entre sujeito, historicidade, ideologia e espaço urbano pela escrita poética da cidade que se faz, também, como sítio de significação.

Isso implica dizer que este estudo se caracteriza, quanto à abordagem, como qualitativo, já que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade [...]. [E que] a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70). Além disso, é interpretativista, o que, conforme Denzin e Lincoln (2006), acarreta dizer, a respeito dessas pesquisas, que elas são guiadas por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo.

#### 4. Akademia dos Párias: o entrelaçamento da poesia, da ideologia e da História

Para constituição das análises aqui pretendidas, é preciso pensar no grupo “Akademia dos Párias”. Este é o nome dado a um coletivo de poetas ludovicenses que buscou romper com o parnasianismo e dialogar com a prosa de Charles Bukovski e John Fante, o Reggae de Bob Marley e Peter Tosh, a poesia de Paulo Leminski, o Rock brasileiro e a geração marginal ou mimeógrafo (Borges *et al.*, 2016). Mas, como os componentes do grupo assinalam,

A Akademia nunca teve carteirinha, estatuto, organização ou disciplina. É despropositadamente anárquica. A Akademia é os seus poemas e porres. Nunca existiu nem existe movimento algum. Tinha em sua essência indisciplina e desorganização. (BORGES *et al.*, 2016, np. )

Os Párias são parte de um momento, mas não constituem um movimento ou escola. A saída da censura, da ditadura, a influência de Cazuza, Arnaldo Antunes e Renato Russo são alguns exemplos de artistas que compõem a estética dos Párias. Por não terem pretensão de chegar à Academia Brasileira de Letras, fundaram, como um modo de escárnio, uma ironia, o grupo Akademia dos Párias.

O vocábulo “pária” deriva da palavra “paraiyar”, do Tâmil (Dicio, 2024), idioma falado pelos tâmeis ou tâmiles, povo habitante da Índia meridional e do Norte e Oeste do Ceilão – hoje Sri Lanka). A etimologia da palavra remonta ao indiano, que pertence à casta social mais baixa da Índia, considerado impuro, segundo a tradição cultural hinduísta. Pária, nesse sentido, denota a quem está à margem da sociedade.

Neste cenário, os Párias publicaram na revista *Uns & Outros (1985-1989)* cerca de 420 textos de mais de 24 poetas, são eles: Aldemar Danilo, Antonio Carlos Alvim, Celso Borges, Fernando Abreu, Garrone, Guaracy Brito Jr., Joe Rosa, Mara Fernandes, Marcelo Silveira (Chalvinski), Paulinho Nó Cego, Paulo Melo Sousa, Rezende, Ronaldão, Ribamar Filho, Suzana Fernandes, Geraldo Iensen, Henrique Bóis, João Carlos, Jorge Abreu, Maristela Sena, Pandora Dourado, Silvio Martins, Vânia Barros e Zé Maria Medeiros.

A revista parou de ser produzida, mas os párias continuaram publicando individual e coletivamente. Obra coletiva de destaque é a antologia poética *Akademia dos Párias: a poesia atravessa a rua*, (Borges *et al.*, 2016) que reúne



cerca de 100 poemas. O grupo é importante por reunir um conjunto considerável de escritores contemporâneos maranhenses que têm ganhado destaque com suas publicações no Maranhão e fora do estado.

Individualmente, Paulinho Nó Cego publicou cordéis; Fernando Abreu publicou livros como *Manual de Pintura Rupestre* (7 Letras, 2015), *Aliado Involuntário* (Exodus, 2011), *O Umbigo do Mudo* (Clara Editora, 2003) e *Relatos do Escambau* (Exodus, 1998) e compôs canções populares, tendo entre seus parceiros Chico César e Zeca Baleiro; Marcello Silveira (Chalvinski) é poeta, romancista e publicitário e já publicou *Anjo na fauna e outros poemas* (Brancaleone Editora, 1999), apenas para citar alguns.

Celso Borges, autor foco deste estudo, nasceu em São Luís no ano de 1959 e escreveu mais de 10 livros de poesia, dentre os quais podemos destacar: *No Instante da Cidade* (1985), *Pelo Avesso* (1986), *Belle Époque* (2000), *São Luís em palavras* (2017), *O futuro tem o coração antigo* (2013), *Serial Sereia* (2022) e, em parceria com outros autores, *Akademia dos Párias: a poesia atravessa a rua* (2019). Entre todos os poetas da Akademia, Celso certamente é o que mais empreende olhares sobre a cidade.

Como é possível perceber, este é um grupo heterogêneo. Os temas dos livros e os gêneros literários são diversos. Alguns membros do grupo sequer expressam em suas poesias a questão da urbanidade. Nesse sentido, começamos a recortar nosso *corpus* a partir da seleção de um autor e uma obra do grupo que têm como tema central ou secundário a cidade: *O futuro tem um coração antigo* de Antônio Celso Borges Araujo.

A obra é escrita sob e sobre a cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão. Ao entendermos que os sentidos derivam das formações discursivas às quais se inscrevem e que o sentido é social e histórico, a análise dos discursos que atravessam a obra exige uma relação com tais fatores. Não cabe aqui fazer uma extensa narrativa dos fatos históricos, mas, à medida que as sequências discursivas solicitarem, tais relações serão realizadas.

Por agora, cabe saber que São Luís reúne no seu Centro Histórico um conjunto arquitetônico e urbanístico dos séculos XVIII, XIX e XX, com cerca de 1500 imóveis tombados pelos governos estadual e federal, distribuídos em cerca de 79 hectares. São edificações de épocas e estilos variados (tradicional português, neoclássico). Em 410 anos de história, a cidade foi se transformando, o centro

histórico perdeu centralidade na ocupação populacional e uma nova Ilha com traços modernos se desenvolveu.

Fato interessante de perceber é que em muitos períodos o Maranhão é visto como poético tanto na arquitetura de suas cidades quanto nas suas obras literárias. Aluísio de Azevedo, autor de *O Mulato*; Josué Montello, autor de *Tambores de São Luís* e Ferreira Gullar, autor de *Poema Sujo* são alguns exemplos de escritores e obras que têm ~~o~~ como tema central ou secundário a cidade, colocando a literatura (maranhense) como possível materialidade discursiva literária da relação do sujeito com os espaços urbanos.

Por tudo que já foi dito, o Maranhão é singular, seja no seu espaço físico ou social. Uma cidade centenária fundada por franceses, colonizada por portugueses, construída por africanos e primeiramente ocupada por indígenas Tupinambás, São Luís também é denominada de: Ilha do amor, bela, rebelde, do reggae, dos azulejos, magnética, Jamaica brasileira, Athenas brasileira. Terra de religiosidades, de belezas naturais e artificiais, de lendas, cantos e festas.

É nesse cenário que o sujeito-poeta, autor do livro em análise, nasce e se constitui enquanto artista, nessa formação ideológica complexa. Celso segue pelo viés de olhar para a cidade na maioria de seus textos, mas, diferente de outros autores maranhenses, cria o seu próprio ponto de vista, que é singular, mas que se coletiviza à medida que as relações entre formações discursivas e ideológicas o colocam em uma posição de coletividade, de um sujeito de seu tempo.

## 5. ANÁLISES: um arquivo em movimento

Como recorte de uma obra que tem como foco central a cidade, serão analisadas treze (13) sequências discursivas do livro de poesias *O futuro tem o coração antigo* do autor maranhense Celso Borges. A obra foi lançada em 2013 e reúne dois poemas e um conjunto/álbum de fotografias que materializam um imaginário de urbanidade. O livro é todo em preto e branco e a tipografia utilizada é a datilografia, elementos que nos remetem ao passado.

Marca da anarquia de Borges é a ausência de paginação no livro. Mais que isso, os poemas são como pequenas capturas de instantes “foto-poemas” que podem, em muitos casos, mudar de posição, mas continuam em estado de significância. Contudo, se as imagens que acompanham os textos verbais mudarem de posição, o sentido pode ser outro, o que indica uma simbiose entre o verbal e o visual.

Os imaginários da cidade de São Luís podem ser analisados na foto-poesia, no verbo-visual, na relação com a memória e com a história. Os personagens mencionados por Borges indicam que o jornalista-poeta assume uma posição de poeta-historiador, ao fazer referências a diferentes personagens que compõem a cultura tão diversa da cidade de São Luís e que compõem a memória da cidade.

Com isso, é fundamental, na possibilidade de produção de efeitos de sentido sobre a cidade, a compreensão dessa historiografia. Contudo, não há espaço neste trabalho de análise linguístico-literária para a descrição detalhada de todos os eventos dos mais de 400 anos de história escrita. Assim, optamos por fazer a descrição apenas dos fatos mencionados em cada fragmento selecionado.

No primeiro fragmento da obra (Borges, 2013) a ser analisada, o autor enuncia:

[...] minha primeira cidade existiu entre 1959 e 1989. A rua da paz era o coração e o rio com seus afluentes e ruas por onde perambulei e cresci. Entre bondes e catecismos, timidez e anjos da guarda. Aos 20 anos seguintes morei em São Paulo, onde vi de longe nascer a minha segunda cidade, plena de lembranças e afetos perdidos. De volta a São Luís em 2009, quase como um estrangeiro, cercado de ventos e claridades, vivi reencontros e arquiteturas nunca esquecidas, sob um batalhão de carros e cercas elétricas: outra cidade, a terceira, igual e diferente das outras duas, mais feia mais linda, mais clara mais débil [...] (Borges, 2013, np.)

Concordamos com o argumento de Dias, Costa e Barbai (2019, p. 98) que

defendem que “pensar a sociedade com as escrituras da cidade é se abrir para a ideia de que a cidade se significa e é apreendida no traço das letras dos homens”. Borges divide a cidade em várias cidades, como repartições de sua memória. A cidade de sua infância, até a vida adulta, se localiza no centro histórico de São Luís, local onde passava um bonde, em uma cidade que era marcada pela religiosidade.

A cidade de São Luís de sua vida adulta é a cidade da saudade e da memória. A terceira (c)idade se marca nos anos dois mil, em que o autor retorna e compara as imagens da sua memória com as imagens que seus olhos viram no presente (“igual e diferente das outras duas, mais feia mais linda [...]”). A cidade é, nesse sentido, o grande *locus* onde tudo pode acontecer, assim, ao entender a sistemática destes espaços, é possível compreender melhor como se organizavam diferentes sociedades em determinadas épocas. E continua dizendo:

[...] uma ilha rachada por buracos e cicatrizes e um poder público de dar náusea. esta está aqui. Mas há uma outra cidade que caço diariamente na memória e que me mantém aceso, jovem e feliz. Por um triz. Mas ainda não chegou a hora de contar essa história. É hora de ordem na desordem. Ei-la. O futuro é agora e o coração é antigo. (Borges, 2013, np.).

O título “*o futuro tem um coração antigo*” ganha diferentes efeitos de sentido conforme o autor os emprega no texto. A primeira parte do enunciado se constrói, basicamente, através desta paráfrase: “*O futuro tem um coração antigo porque Daniel de la Touche nunca fez a barba*”, “*O futuro tem o coração antigo porque a fonte do ribeirão nunca vai secar*”, “*O futuro tem um coração antigo porque Maria Celestina ainda queima no cais da sagração*”. Nelas, são evocados lugares e sujeitos que compõem o imaginário e a história de São Luís. Há, ainda, sob a repetição de um enunciado, o estabelecimento de um efeito de regularização estabelecido pelas retomadas e efeitos parafrásticos.

Há sobre isso, duas noções relevantes, o “efeito de pré-construído: a impressão de sentido já-lá que deriva de formulações já ditas [e] do interdiscurso, que faz com que ao enunciar haja um efeito de já-dito sustentando todo o dizer”, de acordo com Lopes (2012, p. 54). O título do livro faz referência a um outro autor, mas, neste contexto, remete à cidade e poderíamos pensar as seguintes novas paráfrases:

SD2.1 – “*O futuro tem o coração antigo*”;

SD2.2– “O futuro é um coração antigo”;

SD2.3 – “A cidade do futuro tem um coração na cidade antiga”.

Nesta última paráfrase, é possível que o poeta esteja fazendo a relação da cidade com seu lugar de fundação, o Centro Histórico de São Luís. Ao sabermos que este é o lugar de origem da cidade, podemos entender, que ele remete à expansão da cidade, dos carros, das cercas elétricas, da arquitetura moderna que ao romper com a neoclássica dos casarões históricos faz insurgir um sentido de “futuro” e de “passado”. Como o autor já utilizou a metáfora de corpo para cidade, este efeito de sentido se justifica na materialidade do texto.

Mas, ao lado da paráfrase há outro processo: a polissemia. Orlandi ([1984[ 1987, p. 11) define polissemia como “processo de instauração de multiplicidade de sentidos”. Essa é uma característica central do texto literário, que não tem um objetivo nítido, que não se limita ao real, mas que utiliza o que há de real, o mundo material, como ponto de partida para sua existência.

Ao mencionar a existência de uma teoria/ideologia atravessando os textos literários, Pêcheux (1997b) posiciona estas produções no âmbito ideológico-discursivo, sendo esta uma materialidade passível de gestos analíticos que escapem ao óbvio. É neste momento que o poeta vai “passar do sujeito da língua para o sujeito do discurso” (Pêcheux, 1997a, p. 93). Diferente de outras teorias, a AD não desconsidera o autor, ao contrário, o autor é considerado enquanto função na sua relação com a história, com a memória e o sentido.

Alguns fragmentos do discurso estão vinculados a imagens. Em um deles, a imagem em preto e branco é um retrato de um casarão no centro da cidade. Vejamos a figura 1 abaixo:

**Figura 1:** O centro da cidade



**Fonte:** Borges (2013)

É possível inferir a localidade da imagem pela memória e pela materialidade linguística-imagética do texto. Ao dizer, na SD3, “*o centro da cidade é um ciclope se mirando no espelho: narciso em estado terminal*”, o poeta constrói um imaginário de cidade, como metáfora de humanidade, que está em um estado de degradação e que perece ao ponto de estar esperando a morte. O Ciclope, ao contrário, é um ogro imortal da mitologia grega caracterizado por ter um único olho no meio da testa; Narciso é a marca da beleza e da vaidade. Assim, comparar a cidade com estes personagens constrói um sentido de uma cidade dúbia, feia e bela; mortal e imortal.

A fotografia, conforme Pêcheux (2007), é um recurso de memória. Nesse sentido, “é possível pensar em quanto o registro em imagens, seja por meio fotográfico documental e/ou da fotografia de arquitetura urbana, colabora para a construção do imaginário a respeito da cidade” (Castro, Barros, 2019, p. 210). Usando a antiga técnica de fotografia *pin-hole*, que utiliza uma lata com um furo tapado por papel filme e fotográfico, o autor adiciona imagens disformes, fantasmagóricas, de uma cidade que já está quase morta em ruínas.

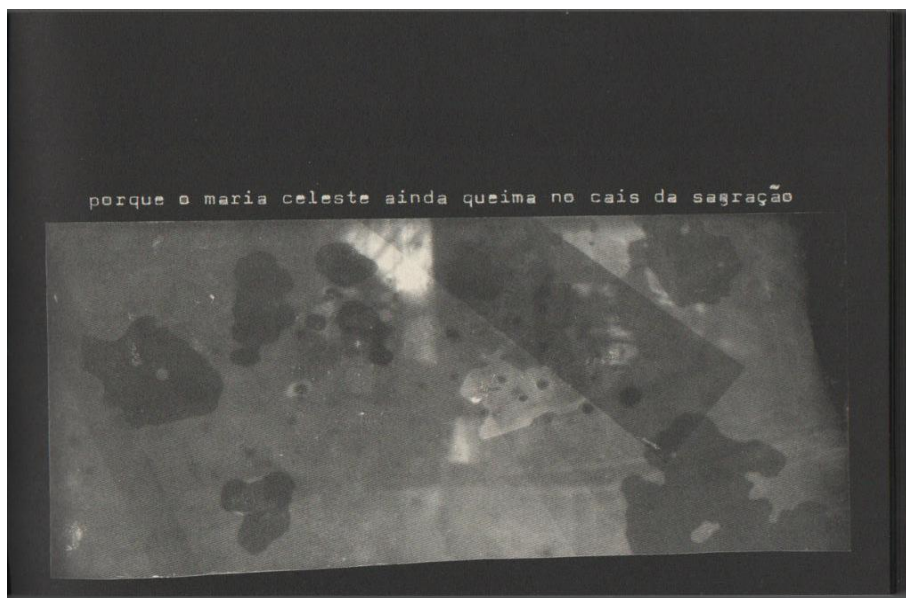
Desse modo, o arquivo reclama noções que, emergidas e entrelaçadas pela AD, ajudam na percepção de como são constituídos os imaginários citadinos na literatura maranhense contemporânea. É, todavia, no entremeio de formações discursivas, condições de produção do discurso, memória, história, interdiscurso e

ideologia que são (re)produzidos os imaginários citadinos poético-literários.

Por outro lado, o poeta, como sujeito do seu tempo, apresenta a poesia como recurso de memória. Segundo Le Goff (2013, p. 469), entendemos que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade individual ou coletiva”. Borges (2013), ao narrar as transformações da cidade, ilustra como esse centro histórico se esvazia e as periferias da cidade se enchem e, com isso, inicia-se a construção de uma forma diferente de organização sócio-histórica. Assim, é possível afirmar que o texto literário tem como fonte o real da história e que os pré-construídos influenciam na produção de sentidos citadinos por autores e leitores.

Nesta primeira parte do livro, Borges utiliza o que ele chama de foto-poesias, uma união de linguagens verbais e visuais unidas a poemas curtos. São flechas de memória, são temas, sujeitos, localidades, histórias, religiosidades que compõem o imaginário da cidade de São Luís. Utilizando a retextualização da frase “o futuro tem um coração antigo” o poeta evoca fragmentos da história da cidade, como presenciado na figura 2:

**Figura 2:** maria celeste



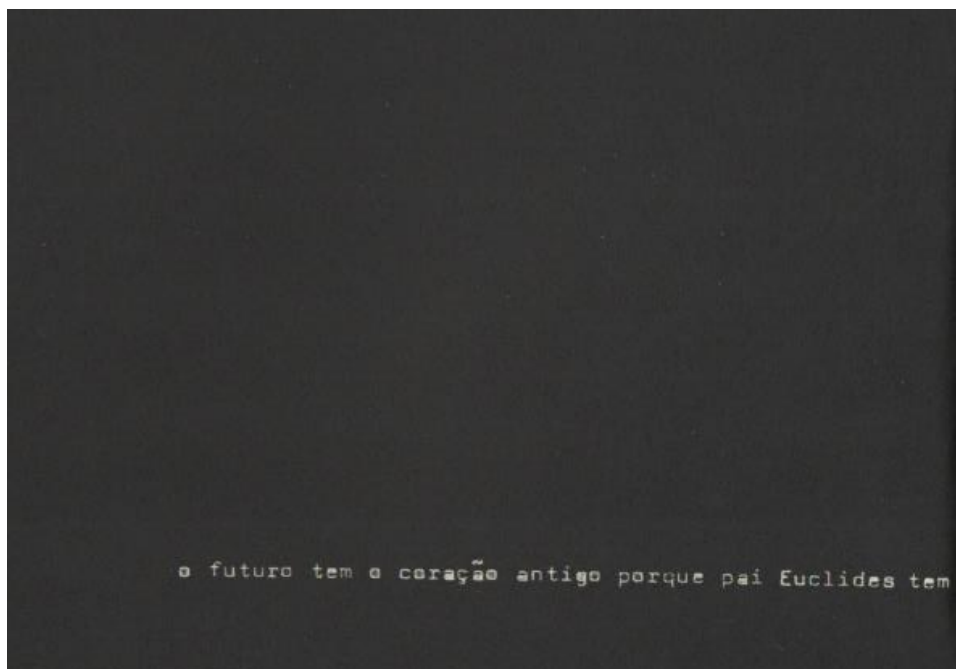
**Fonte:** Borges (2013)

Nesse excerto do livro, o autor afirma que “*O futuro tem o coração antigo porque o maria celeste ainda queima no cais da sagração*”. Nesse trecho, rememora um acidente que ocorreu com o maria celeste, um navio cargueiro que faz parte da historicidade ludovicense. Em 16 de março de 1954, o navio acabou sofrendo um

incêndio que culminou na morte trágica de 16 marinheiros. A embarcação, que pertencia à companhia de comércio de São Paulo, queimou no Rio Anil, próximo à região da Praia Grande, onde ficava o Cais da Sagração, principal porto de São Luís, onde mais se movimentavam as mercadorias na época. Em paráfrase ao título do livro, é possível dizer que o autor entende que a cidade futura tem um coração na cidade antiga, isto é, nas suas memórias.

A técnica fotográfica de *pin-hole* é utilizada como recurso para retratar uma cidade que é memória, memória que sai do individual e vai para o coletivo, que por vezes não é tão concreta, tão visível. A imagem não representa nem uma forma concreta, como se essa memória estivesse cada vez mais disforme. A cidade do passado recorrentemente é vinculada às imagens fantasmagóricas, como se a cidade estivesse em definhamento, passamento ou quase óbito. Já no fragmento a seguir (figura 3), é possível verificar a relação da cidade com sua espiritualidade.

**Figura 03:** Religiosidade







**Fonte:** Borges (2013)

Aqui, o autor afirma que “*O futuro tem o coração antigo porque pai Euclides tem uma constelação de princesas na noite do Cruzeiro do Anil*”. Nesse trecho, o poeta cita o Pai Euclides Tabalyan ou Euclides Menezes Ferreira, um dos maiores babalorixás do país, que fundou a Casa Fanti-Ashanti, uma casa de candomblé da nação Jeje-Nagô, fundada em 1954. A casa Fanti-Ashanti é considerada um centro de tradições afro-brasileiras sagradas e profanas, com o Tambor de mina, o Candomblé, a Cura, o Baião das princesas, o Canjerê, o Tambor de taboca, o Divino espírito santo e o Samba de angola; até os dias atuais se localiza no bairro do Cruzeiro do Anil.

A negritude da cidade é posta em voga, tendo em vista que a religião em destaque é de matriz africana. Vale ressaltar que mesmo com esses traços de africanidade, a ilha do amor não está imune ao ódio. Recorrentemente, esses terreiros são atacados e os adeptos dessas religiões colocados à margem da sociedade, em que se tornam párias. Colocar essa população em destaque, como agentes da cultura e do imaginário maranhense, coloca-os em uma posição de centralidade e de respeito à diversidade.

Seguindo por essa linha de raciocínio, a paráfrase “o futuro tem o coração antigo” retoma diferentes pontos de ancestralidade, de história e de memória sobre a cidade, que passa a ser um lugar de afeto, de vínculo com o divino e com a

espiritualidade. A página que se refere ao Pai Euclides enquanto ser todo preto, produz efeitos de sentido que remetem ao fato de que Euclides é um homem preto e de que há um apagamento da imagem desse homem. Nos trechos:

*“Era uma vez uma cidade e a cidade já era”  
 “Quem te viu é quem te vê  
 A fratura está exposta o osso é duro de roer”*

O poeta acaba por evidenciar o abandono do centro histórico de São Luís pela elite, pois, no instante em que o poeta retorna para a cidade, a encontra totalmente diferente. Celso (2013) afirma que é *“uma ilha rachada por buracos e cicatrizes e um poder público de dar náusea”* muito diferente daquela que ele se lembrava. No trecho:

*“A 13 de maio na cova da iria no céu uma refinaria”*

O autor traz consigo uma memória sua de infância. Tendo em vista sua criação religiosa católica, cita a procissão de 13 de maio de Nossa Senhora de Fátima, que acontece neste dia. O poeta faz uma analogia mudando a versão tradicional, que é cantada na forma *“a 13 de maio na cova da iria no céu aparece a virgem Maria”* e ao reformular esse verso, acontece a dessacralização, trazendo consigo o urbano presente nas cidades. No fragmento:

*O futuro tem o coração antigo  
 porque ferreira Gullar ainda não escreveu o poema sujo  
 e Gonçalves Dias não conheceu sabiás empalhados  
 porque os azulejos portugueses encardidos  
 nos observam do alto de sua nobreza rachada*

O poeta demonstra o quanto os poetas maranhenses Ferreira Gullar e Gonçalves Dias serviram de inspiração durante seu percurso na escrita de suas poesias. O ludovicense Ferreira Gullar e o caxiense Gonçalves Dias são símbolos da cultura popular do maranhão e estão no imaginário do povo maranhense. Um moderno e um romântico. Dois imaginários de cidade. Em entrevista, o poeta Celso Borges afirma:

[...] mas assim naquele momento em que eu leio o *poema sujo* por exemplo que foi um livro que falava da minha cidade de uma forma diferente que eu estava acostumado a ver a ler a ouvir falar, então a gente só ouvia de Gonçalves Dias aquela coisa melosa diz sobre a cidade aí falando ela

falando sobre ciúmes daquela forma visceral e aí fala da Lama da cidade da urina sem perder sem perder a beleza né daqui em meio a todo aquele aquela sujeira né entre aspas ele traz à tona uma cidade que eu não conhecia, mas que era minha cidade que eu me identificava de alguma forma, nesse sentido essa poesia de Gullar ela é fundadora para mim por conta por conta dessa porque era uma coisa que falava da minha cidade de um espaço onde eu vivia né onde é eu Cresci [...] (Borges, 2013, np.)

Diante disso, o papel que esses poetas maranhenses, que falavam da cidade quando vivos, inspiraram Borges, fazendo-o interpretar a cidade de outras formas, além de fortalecer o sentimento de pertencimento à cidade como sujeito. Além disso, faz críticas a uma elite na qual ele está inserido e que descende da elite portuguesa, a qual dominou a cidade por muitos anos, contendo, mesmo assim, alguns resquícios do processo de colonização. Depois, esse poder acabou por se deteriorar e rachar, além de trazer consigo a representação da realidade por meio do texto literário, tornando-o parte do real. Nesse sentido, Barroso (2013, p. 58) afirma que:

[...] Não se pode esquecer que o autor pode manipular a palavra reforçando ou atenuando sua semelhança com o mundo real. Em alguns momentos as metáforas garantem o nexos com o mundo. É graças à metáfora que o escritor torna o mundo real presente no texto de ficção.

Sobre isso, entendemos que “o analista de discurso relaciona a linguagem com sua exterioridade” (Orlandi, 2009, p. 16), elevando-se, assim, o fator histórico, os efeitos de sentido, os discursos que se atravessam e formam diferentes ordens discursivas. Portanto, nossos sentidos são possíveis a partir do momento em que os fatos históricos são retomados. Borges faz, dessa forma, uma poesia historiografada, mas não cronológica. O imaginário de cidade histórica, cultural e diversa é evocado.

Em outras partes do livro, Borges continua a fazer esse movimento. O bumba-meu-boi, o São João, as praias e outros símbolos que representam a ilheidade são rememorados. O futuro tem um coração antigo, é um culto aos elementos que confeccionam o tecido da memória no fio da história.

## 6 Considerações Finais

Diante das diferentes formas de imaginar o urbano e a cidade como lugar de memórias, esta pesquisa objetivou investigar como são constituídos os imaginários de cidade no poema *O futuro tem o coração antigo*, publicado pelo poeta maranhense Celso Borges. Com as análises, observamos que os imaginários são construídos por discursos, em suas diferentes linguagens, e que FD, CP, memória e interdiscurso são noções que cruzam a constituição dos imaginários sociais de cidade, o que demonstra que o objetivo geral foi cumprido.

Além disso, traçamos três objetivos específicos. O primeiro foi identificar as formações discursivas e condições de produção dos discursos poéticos citadinos no poema. As formações discursivas indicam que o sujeito poeta é interpelado por uma concepção de poesia moderna, anárquica e pária. Isso implica dizer que padrões poéticos pré-estabelecidos não determinam o modo como o poema é escrito-fotografado. Mas, ao mesmo tempo, influenciam em um efeito de paráfrase. A cidade não é feia e bela, morta e viva.

A condição de produção do discurso é atravessada por sujeitos e situações. A memória da cidade é o fio que costura todas as paráfrases. Sendo o tear dessa poesia, Celso costura um delicado tecido histórico-poético que se arremata em uma trama historiográfica acrônica.

Assim, para compreendermos efeitos de sentido outros, é fundamental conhecermos a história de São Luís, suas figuras históricas, seus monumentos, aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Isso indica que o objetivo específico dois: analisar as memórias e interdiscursos materializadas no poema, foi realizado. O resgate da memória, o já dito, materializa-se em uma nova forma de dizer que fura o real, mas que, ao mesmo tempo, ancora-se nele.

As paráfrases de “o futuro tem o coração antigo” apontam para a polissemia dos imaginários. A sequência “*O futuro tem um coração antigo porque Daniel de la Touche nunca fez a barba*”, “*o futuro tem o coração antigo porque a fonte do ribeirão nunca vai secar*”, “*O futuro tem um coração antigo porque pai Euclides tem uma constelação de princesas na noite do Cruzeiro do ani*”, assinala que a cidade futura tem como pulsão de vida a história, a arquitetura e a diversidade de um povo.

Por isso, vale a pena mencionar que a metáfora de cidade como corpo vivente é importante. A cidade poética de Borges assume traços de humanidade,

tem cicatrizes, coração, ossos, fraturas expostas. A cidade é política e ponto de protesto (“um poder público de dar náusea”). Protesto que vai além dos políticos e toca toda a população que por vezes desconhece e desvaloriza a história da cidade. A cidade futura, com carros e cercas elétricas, de arquiteturas outras, que pulsa em vida, ao esquecer as memórias e imaginários sobre São Luís, esquecem a si mesmos.

Além disso, o poema articula diferentes materialidades discursivas na (re)produção de sentidos de cidade. As fotografias no estilo *pinhole* são essenciais para a composição de um cenário fantasmagórico, caótico, disforme, como memórias vagas, que representam uma cidade que é morta-viva. A relação entre o verbal e o visual são indispensáveis na constituição dos sentidos, o que indica que a leitura precisa ser realizada em uma perspectiva multimodal.

Assim, nossa hipótese básica de que a poesia direciona para um novo prisma de percepção que escapa ao real, mas que é constituído e se constitui por imaginários citadinos, se confirma. Nesse sentido, entram no jogo da interpretação formações discursivas, condições de produção do discurso, memórias, interdiscursos e a articulação entre diferentes materialidades discursivas que acionam paráfrases, polissemias e pré-construídos.

Contudo, como toda pesquisa, esta ainda apresenta limitações. Uma limitação observável é que nós analisamos apenas a primeira parte do poema, por uma questão de tempo e exequibilidade, mas que limita as possibilidades de significação. Outra limitação é que há sempre a interpretação de um analista, apenas um olhar, entre tantos possíveis. Isso implica que o modo de pensar a pesquisa poderia ser outro, como, por exemplo, pensar como essa análise poderia ser pensada no ensino de interpretação de texto, no ensino de leitura multimodal e interdisciplinar, no ensino da literatura.

Os resultados indicam que o imaginário citadino refere-se ao conjunto de ideias, imagens, representações e percepções que os sujeitos, inclusive poéticos, têm sobre a vida urbana e as cidades em geral. Essas percepções podem ser influenciadas por diversos fatores, como cultura, história, mídia, experiências pessoais e sociais. O imaginário citadino pode incluir ideias sobre a agitação da vida urbana, diversidade cultural, infraestrutura, arquitetura, desafios sociais, entre outros aspectos que definem a vida nas cidades. Essas representações podem variar amplamente de pessoa para pessoa e de acordo com o contexto cultural e social em

que estão inseridas, mas serão sempre uma percepção entre tantas possíveis. Desse modo, a percepção literária não pode ser esquecida ou subavaliada, tendo em vista ser mais uma ótica sobre a cidade, dentre tantas possíveis.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Fernando. **Relatos do escambau**. Rio de Janeiro: Exodus, 1998.
- ABREU, Fernando. **Manual de Pintura Rupestre**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- ABREU, Fernando. **Aliado Involuntário**. Rio de Janeiro: Exodus, 2011.
- ABREU, Fernando. **O Umbigo do Mudo**. Clara Editora, 2003.
- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel de memória**. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- BORGES, Celso. **O futuro tem um coração antigo**. Copyright, São Luís: 2013.
- BORGES, Celso [et al.]. **Akademia dos Párias: a poesia atravessa a rua**. Gráfica e Editora Halley, 2016.
- CASTRO, R. G.; BARROS, L. M. **(Des)caminhos da cidade: Imagem e identidade**. In Escrituras da cidade. Dias, Cristiane. / Barbai, Marcos./ Costa, Greciely (Orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PÁRIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trabalho/>. Acesso em: 24/05/2024.
- FEDATTO, C. P. **Poesia na cidade: como a memória se inscreve na história**. Palimpsesto (Rio de Janeiro. Impresso), v. 7, p. Estudos 7, 2009.
- FERRAREZI Jr., Celso. **Semântica**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- GUILHAMOU, L. & MALDIDIER, D. Efeitos de Arquivo: A Análise do Discurso do lado da História. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de Leitura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.
- HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 63 - 89, 1995. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638926>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638926/6529>. Acessado em: 06/09/2022.
- SOUZA, PEDRO DE. A cidade nas canções: sentidos de perda e pertencimento. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 53, n. 2, p. 113–124, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v53i2.8636981>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636981>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- DIAS, Cristiane; BARBAI, Marcos; COSTA, Greciely (Orgs.). **Escrituras da cidade**.

Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, v. 44, n3), p. 972-980, set.-dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>. Acesso em: 25 de jul. 2023.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: Franchi, C. **Mas o que é mesmo 'gramática'?** São Paulo: Parábola, 2006

GUIMARÃES, Eduardo. **Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 anos de história.** Campinas, SP: LABEURB, 2013. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/labeurb20anos/index.php>. Acessado em: 06/09/2022.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. In: **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre.** Uma homenagem a Eni Orlandi. E. A. Rodrigues, G. L. Santos, L.C. Branco (orgs.). Campinas, RG Editores, 2011. p. 401-410.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão et al. 7ª ed. Revista. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Maraisa. **Folha: do Manual ao Jornal ou do Jornalístico ao Pedagógico.** Tese (doutorado em Linguística) pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Campinas: SP, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/855430>. Acesso em: 06/09/2022.

LOPES, Maraisa; AMARAL, A. J. S.; BONFIM, F. I. B. Discurso, Narratividade e Literatura: os efeitos do assombro no conto "assombrações de agosto". In: **Análise de discurso em diferentes materialidades:** Organizadores. (org) Anderson Almeida, Geórgia Castro, Palmira Heine Alvarez. Catu: Bordô-Grená, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1984). **Segmentar ou Recortar.** In: Série Estudos 10. Uberaba: FIU. \_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento. São Paulo: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In. ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas, sp: Pontes Editora, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6ª edição. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade Atravessada:** os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos.** Campinas: Pontes Editores, 2004.



PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux, Editora da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [*et al.*]. **Papel da memória**. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org) [*et. al.*]. **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [*et. al.*]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p.55-66.

PÊCHEUX, Michel. **O DISCURSO**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni. P. Orlandi. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.

Pária. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paria/>. Acesso em: 29/05/2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. E-Book.– 2. ed. – 178 Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVEIRA, Marcello. **Anjo na fauna e outros poemas**. São Luís: Brancaleona Editora, 1999.